



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS APLICADAS AO MULTILINGUISMO E À
SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

LARISSA EMILY CORUMBÁ VARELA

INTER-RELAÇÕES ENTRE JUDAÍSMO E MULTILINGUISMO

Brasília
2017

LARISSA EMILY CORUMBÁ VARELA

INTER-RELAÇÕES ENTRE JUDAÍSMO E MULTILINGUISMO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI).

Orientadora: Profa. M.a Dyhorrani da Silva Beira

Brasília
2017

LARISSA EMILY CORUMBÁ VARELA

INTER-RELAÇÕES ENTRE JUDAÍSMO E MULTILINGUISMO

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à comissão examinadora identificada abaixo como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI).

Brasília, 5 de dezembro de 2017

BANCA EXAMINADORA

Profa. M.a Dyhorrani da Silva Beira
Orientadora

Prof. Ms. Daniel Freitas Ferreira
Examinador

Prof. Dr. Thomas Louis Yvon Petit
Examinador

AGRADECIMENTOS

Aos deuses, às deusas, aos guias e mestres espirituais, aos anjos da guarda e a quem mais tenha me confortado, ajudado e protegido até agora.

À Dyhorrani, por ter aceitado me orientar neste trabalho e por ter sido tão compreensiva comigo durante este ano particularmente difícil.

Aos docentes de LEA-MSI, que reconstruíram minha visão de mundo durante os últimos seis anos.

À Bia, por ter me feito companhia na alegria, na tristeza e nas paradas de ônibus.

Ao Isaac, pela preocupação, pela cumplicidade e porque de algum jeito a gente se deu bem.

Ao Bruno, pela confiança e por compartilhar gritos e hinos.

Ao Samuhel, pelas trilhas sonoras e por ter reaparecido do nada depois de nove anos.

À Mônica, por renovar minhas crenças.

Ao Nico, por me ensinar tanto, todos os dias.

Às instalações e aos funcionários da Universidade de Brasília, por terem recebido a minha presença por mais tempo do que deveriam.

Aos meus pais, pela vida.

Ao destino, pelos pequenos milagres que me fizeram chegar até aqui.

“De cada resposta pode-se tirar uma nova pergunta”

(Provérbio iídiche)

RESUMO

O tema central deste trabalho é o judaísmo. Assim, pretende-se apresentar esse complexo sistema cultural, bem como as discussões a respeito da identidade judaica, para posteriormente indicar algumas das principais línguas judaicas e ilustrar as características multilíngues presentes nesse grupo, por meio de algumas traduções de produções literárias originalmente escritas em iídiche e em ladino. A revisão bibliográfica realizada neste estudo indicou que para garantir a preservação e a manutenção da identidade, toda cultura necessita entrar em contato com outros povos, ou seja, uma cultura que permanece fechada em si mesma cai no ostracismo e morre com o passar do tempo. Logo, as aberturas culturais acontecem por meio do multilinguismo e têm a finalidade de preservar a cultura original. No caso do judaísmo, verificou-se que, ainda que seja pouco e de maneira tímida, a cultura judaica permite se abrir a novas tradições e culturas para permanecer viva com o passar do tempo.

Palavras-chave: judaísmo, línguas judaicas, multilinguismo, identidade cultural.

ABSTRACT

Judaism is the central theme of this paper. Thus, this work intends to present this complex cultural system, and discussions about Jewish identity as well, so later we can indicate some of the main Jewish languages and illustrate some multilingual peculiarities of this group, exemplified by some piece of literary work's translations produced originally in yiddish and ladino language. The literature review conducted through this study indicated that every culture needs to be in touch with other groups, in order to ensure the preservation and the maintenance of its own identity. It means that, if a culture remains closed in itself, it will be doomed to ostracism and will certainly die some time. Soon, cultural openings are possible due to multilingualism, and have the purpose of preserving the original culture. In the case of Judaism, it was found that Jewish culture allows itself to open up to new traditions and cultures, in order to remain alive.

Keywords: Judaism, Jewish languages, multilingualism, cultural identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 HISTÓRIA E IDENTIDADE JUDAICA	11
2 LÍNGUAS JUDAICAS E LITERATURA	17
2.1 Hebraico	17
2.2 Aramaico.....	17
2.3 Ladino	18
2.4 Lídice	19
2.5 A literatura como ferramenta de manutenção da memória judaica.....	21
2.5.1 Literatura íidiche no Brasil	22
3 CARACTERÍSTICAS MULTILÍNGUES DO JUDAÍSMO	25
3.1 A tradução como ferramenta disseminadora da cultura judaica	30
CONCLUSÃO	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

Pesquisas recentes apontam a existência de cerca de 13 milhões de judeus em todo o mundo. Desse total, seis milhões vivem nos Estados Unidos, cinco milhões vivem em Israel, e 1,7 milhão vive na Europa Ocidental. Já no Brasil, em 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2010) contabilizou cerca de 100 mil judeus espalhados por todas as regiões do país. Essas informações indicam que a comunidade judaica não fica restrita a um só local, uma vez que ela se mostra bastante representativa em todo o globo terrestre. Mas quem são os judeus? O que é o judaísmo?

Existem várias respostas para essas perguntas, mas elas nem sempre são satisfatórias ou chegam a um consenso. Exemplo disso pode ser observado nas definições a seguir. Oliveira (2010) defende que o judaísmo diz respeito “à religião, à cultura, à filosofia e ao modo de vida do povo judeu” (OLIVEIRA, 2010, p. 42). Em contrapartida, Bonder e Sorj (2010) refutam essa colocação, pois declaram que conceituar o judaísmo é uma tarefa complicada: “não é religião, não é filosofia, não é cultura, não é etnia, não é estado e não é terra. É tudo ao mesmo tempo” (BONDER; SORJ, 2010, p. 1). Essa mesma dificuldade de conceituação também se aplica em relação às definições de identidade judaica. Para Sorj (2004), não há nenhuma autoridade que pode decidir quem é e quem não é judeu:

“[...] a identidade judaica tem como fundamento um sentimento pessoal, emocional e intelectual, do que é ser judeu. Existe alguma definição de ser judeu que seja melhor que outra, superior ou inferior, capaz de impor e excluir a outra? A resposta é simples: não. Este é o drama do judaísmo moderno no século XXI” (SORJ, 2004, p. 1).

Portanto, infere-se desse pequeno debate que encontrar uma explicação sucinta para as perguntas feitas anteriormente é uma empreitada desafiadora, visto que todas as definições de judaísmo parecem estar envolvidas por uma aura nebulosa e cheia de mistérios, que impede a sua visualização de forma sintética. O fato é que, em essência, o judaísmo não é algo simples, portanto, defini-lo também não pode ser uma tarefa primária. Essa constatação foi uma das razões que nos instigaram a escolher o judaísmo como o tema central

dessa pesquisa. Considerando que esse sistema cultural existe há vários milênios e que suas características permeiam não só aspectos religiosos, mas também linguísticos e de identidade, neste trabalho procuramos observar o judaísmo como um sistema multilíngue, visto que ao longo de seu desenvolvimento histórico, diferentes idiomas foram utilizados pela comunidade judaica não só como uma ferramenta de comunicação, mas também para fins de manutenção cultural. Exemplo disso pode ser observado pelo fato de que o ídiche e o ladino são línguas judaicas criadas com a finalidade de estabelecer uma comunicação intragrupal e também de preservar a tradição judaica entre a comunidade asquenazita – proveniente das Europas Central e Oriental – e sefaradita – proveniente da Península Ibérica –, respectivamente. Logo, verifica-se que essas línguas não só transformaram o judaísmo, mas também proporcionaram características multilíngues à comunidade judaica.

A partir desses aspectos, e para atingir o objetivo de reconhecer as características multilíngues do judaísmo, foram delineados cinco objetivos específicos. São eles: a) retratar o sistema cultural judaico; b) discutir a questão da identidade judaica; c) apresentar as principais línguas judaicas; d) ressaltar a importância dos contatos culturais na formação linguística judaica; e) comentar a produção literária judaica. Assim, esta pesquisa foi dividida em três capítulos. O primeiro deles apresenta um breve panorama sobre o judaísmo. O segundo retrata as línguas utilizadas pela comunidade judaica e ressalta a importância da literatura para a criação de uma identidade a esse povo. E o terceiro ressalta a importância do multilinguismo enquanto ferramenta de manutenção da cultura judaica.

Para alcançar os objetivos propostos para este estudo, escolheu-se adotar a Revisão Bibliográfica como procedimento metodológico. Assim, este trabalho é uma pesquisa qualitativa, de cunho teórico que, por meio do referencial bibliográfico selecionado, pretende inter-relacionar o multilinguismo ao judaísmo. Desse modo, foram selecionados livros e artigos científicos em sites como Google Acadêmico e portal SciELO (*Scientific Electronic Library Online*), que abordassem os seguintes temas: “judaísmo”, “línguas judaicas”, “identidade judaica” e “multilinguismo”. O material foi separado em fichamentos que reuniam os conceitos e as definições mais importantes de cada autor, por

meio de citações e resumos.

O judaísmo vem mudando de acordo com as transformações da modernidade, de acordo com Avignor (2010, p. 23), e esse fato justifica a realização deste trabalho. Logo, essa pesquisa pretende ser interessante não só à comunidade judaica, mas também aos estudiosos do multilinguismo e da língua como instrumento de preservação cultural e como fator de determinação de identidade. Indiretamente, este trabalho é um tributo ao judaísmo e pretende, ainda que em segundo plano, ser um instrumento de propagação desse complexo sistema cultural.

1 HISTÓRIA E IDENTIDADE JUDAICA

O judaísmo abrange mais de três mil anos de história e diz respeito “à religião, à cultura, à filosofia e ao modo de vida do povo judeu” (OLIVEIRA, 2010, p. 42), que origina dos hebreus, uma comunidade original da antiga Mesopotâmia, que se estabeleceu na região do Oriente Médio no segundo milênio a.C. e, com o passar do tempo, deu origem aos judeus e aos árabes. Contudo, em conformidade com Josefo (2013), o termo “hebreu” é associado com maior frequência ao povo judeu, que tem como principal fundamento o monoteísmo, ou seja, a ideia de que existe somente “uma única força criadora de todo o mundo” (OLIVEIRA, 2010, p. 42), que seria um único Deus.

Considerando o âmbito religioso, o judaísmo se centra em várias obras sagradas. Algumas delas são a *Torah*, o *Tanakh* e o *Talmud*. De acordo com Wolkmer (2014), a *Torah* – ou Pentateuco – compila os ensinamentos de Deus transmitidos ao profeta Moisés; a *Tanakh* reúne a *Torah* (pentateuco), o *Neviim* (livros dos profetas) e o *Ketuvim* (coletâneas de escritos); já o *Talmud* é um livro complementar à *Tanakh* e registra a tradição disseminada por Moisés ao povo de Israel, transmitida oralmente de geração a geração. O registro escrito dessa tradição oral, a partir do século II d.C, é conhecido como *Mishná*. Ainda segundo Wolkmer (2014), os comentários à *Mishná* são conhecidos como *Guemará* e, assim, o *Talmud* é a junção da *Mishná* e da *Guemará*.

Esses textos sagrados mostram que o Deus dos judeus se denominou por diversas alcunhas. Dentre esses nomes estão *Adonai*, *Elohim*, *El Shaddai* e o tetragrama hebraico, יהוה (YHWH), que, de acordo com Gilberto (2015), também pode ser grafado em letras latinas como *Yahweh* e variações. Em português, a versão correspondente para esse nome santo seria Jeová, Javé ou Senhor, e a possível tradução seria “eu sou o que sou” (GILBERTO, 2015). Essas denominações são consideradas tão sagradas, que os judeus evitam pronunciá-las, uma vez que o terceiro mandamento das leis divinas judaicas faz uma advertência ao ato de proferi-las, assim como mostra o capítulo 10, versículo 7 do livro sagrado de Êxodos: “Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão”.

Ainda de acordo com essas escrituras santas, citadas por Oliveira (2010, p. 42), por volta do ano de 1800 a.C., Abraão, um hebreu morador da cidade de Ur, recebeu um sinal divino para abandonar o politeísmo e seguir somente a YHWH. Após aceitar a proposta, YHWH prometeu a Abraão que seus descendentes habitariam Canaã – região correspondente à atual região da Palestina –, também chamada de “terra prometida”. Ainda com base nessas escrituras, desta vez citadas por Josefo (2013), Abraão teve dois filhos: Ismael e Isaque. Os descendentes do primeiro deram origem ao povo muçulmano e, conseqüentemente, ao islamismo. Os descendentes do segundo são conhecidos como o “povo de Israel”, ou israelitas, que mais tarde deram origem aos judeus e, conseqüentemente, ao judaísmo.

Oliveira (2010) alega que vem do judaísmo a crença de que um messias viria e restauraria o poder de Deus sobre o mundo. O profeta Jesus Cristo teve origem judaica e se autoproclamou como a divindade responsável por trazer a salvação esperada. Contudo, uma série de fatores fez com que o povo judeu não admitisse Jesus como o filho de Deus e, por isso, essa comunidade aguarda a vinda do seu salvador até os dias de hoje. Ainda conforme Oliveira (2010), aqueles que consideram Jesus Cristo como o messias e seguem os ensinamentos morais deixados por ele, são os adeptos do cristianismo. Após a apresentação desses fatos, pode-se considerar Abraão como o grande patriarca das três principais religiões monoteístas do mundo: o judaísmo, o islamismo e o cristianismo (VAZ, 2002). Para este trabalho, vamos nos ater somente ao judaísmo.

Cronologicamente, segundo Josefo (2013), a primeira linhagem do povo judeu acontece da seguinte maneira: Abraão tem um filho chamado Isaque e Isaque tem um filho chamado Jacó. Após lutar com um anjo de Deus, Jacó tem o nome mudado para Israel. Ao longo da vida, Israel teve doze filhos. A descendência de cada um desses filhos formou as doze tribos de Israel. Uma dessas tribos era denominada “tribo de Judá”. Assim, o termo “judeu”, por sua vez, faz referência a essa tribo. Após a fundação dessas doze tribos, Oliveira (2010) resume os principais acontecimentos da história do povo de Israel – ou judeus – no trecho a seguir:

[...] Por volta de 1700 a.C., o povo judeu migra para o Egito, porém são escravizados pelos faraós por aproximadamente 400 anos. A libertação do povo judeu ocorre por volta de 1300 a.C. A fuga para o Egito foi comandada por Moisés, que recebe as tábuas dos Dez Mandamentos no monte Sinai. Durante 40 anos ficam peregrinando pelo deserto, até receber um sinal de Deus para voltarem para a terra prometida, Canaã. Jerusalém é transformada num centro religioso pelo rei Davi. Após o reinado de Salomão, filho de Davi, as tribos dividem-se em dois reinos: Reino de Israel e Reino de Judá” (OLIVEIRA, 2010, p. 42).

Originalmente concentrados na antiga Mesopotâmia, não demorou muito para que o povo judeu se espalhasse para outras terras, em dispersões que se tornaram conhecidas como “diásporas”. Oliveira (2010, p. 42) alega que houveram duas grandes imigrações judaicas ao longo da História. A primeira delas ocorreu em 721 a.C., devido à invasão babilônica ao reino de Israel, que destruiu o templo de Jerusalém. Já a segunda aconteceu no século II, quando os romanos destruíram a cidade de Jerusalém, em 70 d.C. Essa última diáspora, de acordo com Avignor (2010), acarretou na formação dos dois sistemas culturais distintos judaicos, ainda vigentes nos dias atuais: o asquenazismo e o sefaradismo.

Para Malka (1997), os judeus asquenazitas são descendentes dos exilados da Babilônia e da Palestina, que foram habitar regiões que correspondem no século XXI às Europas Central e Oriental. Szuchman (2009) alega que o nome bíblico “Ashkenaz” – citado em Gênesis, 10:3; em Crônicas 1:6; e em Jeremias 51:27 – era considerado, durante a Idade Média, como uma palavra que fazia referência à região medieval da Alemanha. Por isso, utiliza-se o termo “asquenazita” para se referir aos judeus descendentes dos franco-alemães, desde então.

E, de acordo com Millman (1983), a comunidade sefaradita é formada por judeus de origem espanhola ou portuguesa que, após terem sido expulsos da península ibérica em 1492, migraram para a África do Norte, para a região do Império Otomano e para o Oriente Médio. King (2001) explica que esse grupo recebeu a denominação “sefaradita”, devido à palavra hebraica medieval equivalente para “Espanha”: “Sephardim”.

Mesmo com as diásporas, os judeus continuaram preservando os costumes, pois independentemente do local habitado, pode-se observar várias

idiossincrasias desse povo até os dias de hoje. Alguns exemplos disso, de acordo Oliveira (2010, p. 42), são os seguintes fatos: judeus seguem um calendário lunissolar – baseado nos movimentos da lua e do sol –, desse modo, as datas de comemorações como o *Purim*, o *Pessach*, o *Rosh Rshaná*, o *Yom Kipur* e o *Chanucá* não possuem uma data fixa no calendário gregoriano, utilizado na civilização ocidental; durante os cultos religiosos realizados por rabinos, em templos chamados sinagogas, os homens devem utilizar uma pequena touca chamada *kippa*, como uma maneira de demonstrar respeito a Yahweh; além disso, há a realização de rituais como a circuncisão dos meninos aos oito dias de vida, o *Bar Mitzvah* e o *Bat Mitzvah*, que representam a iniciação da vida adulta de meninos e meninas, respectivamente.

Até o momento, os fatos apresentados fizeram menção à história do povo judeu e à religião judaica. Contudo, como foi dito anteriormente, o judaísmo não se resume apenas a esses âmbitos históricos e religiosos. Gaarder (2002) alega que, no século XXI, existem muitas discussões em relação ao conceito de identidade judaica, pois existem judeus de diversas cores de pele habitando diferentes continentes.

Esse debate é endossado por Decol (2001), que ressalta o fato de que a questão identitária judaica é um assunto muito amplo, porque envolve “características religiosas, étnicas, culturais e históricas” (DECOL, 2001, p. 148), ou seja, de acordo com Sorj (2004), não há uma autoridade que decida o conceito do que é ser judeu. Assim, “a identidade judaica tem como fundamento um sentimento pessoal, emocional e intelectual” (SORJ, 2004, p. 1). Schmelz e Pergola (1992, p. 486) explicam que um dos motivos que destacam essa dificuldade de caracterizar um judeu, reside no fato de que:

“Nas sociedades contemporâneas que experimentam processos intensos de secularização, aculturação e interação social, as linhas demarcatórias que separam diferentes grupos religiosos, étnicos e culturais não são mais rígidas e claramente demarcadas, como acontecia no passado. Múltiplas bases de identificação entre indivíduos e grupos podem coexistir. Como a identificação não é regulada legalmente, indivíduos podem mudar suas preferências durante seu ciclo vital” (SCHMELZ; PERGOLA, 1992, p. 486).

Além disso, as discussões para a definição da identidade judaica são ampliadas pelo fato de que indivíduos dessa origem podem vivenciar diferentes níveis de vinculação ao judaísmo e “podem admitir ou negar a identidade judaica dependendo das circunstâncias” (DECOL, 2001, p. 148), ou seja, essas mudanças de atitude são reversíveis, já que quem nega o vínculo com o judaísmo pode mudar de ideia e, no futuro, se assumir judeu.

Um dos possíveis exemplos para a criação de uma identidade judaica, em conformidade com Even-Zohar (2011), reside no fato de que, durante as diásporas, como imigrantes em um país desconhecido, os judeus tiveram que se esforçar para se integrar na cultura e na sociedade que os recebeu, adotando novos costumes e valores, ao mesmo tempo em que se preocupavam em manter as tradições culturais e religiosas do seu povo:

“Sem a invenção e a disseminação de novos componentes de cultura entre aqueles imigrantes – e especialmente entre a sua descendência nativa – nunca teria emergido no país um grupo que possuísse a natureza de uma nação, isto é, uma entidade com alguma coesão. Sem esses novos componentes de cultura, até com uma improvável imigração secular moderna, os imigrantes teriam organizado a sua vida segundo os mesmos velhos padrões sempre aplicados ao longo dos séculos anteriores, isto é, como comunidades judaicas vagamente unidas e indubitavelmente carentes dos mais básicos acordos entre si, tais como um acordo sobre uma língua diária comum” (EVEN-ZOHAR, 2011, p. 205).

Pelo fato de que essas trocas culturais entre judeus e outros povos ajudaram no processo de definição identitária do povo judeu, conforme foi defendido por Even-Zohar (2011), é interessante ressaltar os aspectos de “identidade rizoma” e “identidade raiz” desenvolvidos por Glissant (2005), em que o autor afirma que “a raiz única é aquela que mata à sua volta, enquanto o rizoma é a raiz que vai ao encontro de outras raízes” (GLISSANT, 2005, p. 61), ou seja, a ideia de identidade rizoma é entendida como uma identidade que se perfaz por outras identidades, isto é, pela troca constante de relações estabelecidas ao longo do tempo. Assim, é possível compreender que, por mais que a comunidade judaica deseje se resguardar com suas tradições e costumes, ela não consegue se proteger totalmente da influência de outras culturas. De certo modo, para manter suas tradições em outras regiões do globo e diante de outras línguas é necessário que haja algum tipo de abertura,

que acontece pelo contato de línguas e pelas traduções, que se tornam veículos dessas novas formas de ver o judaísmo, e pela inserção de novos elementos que passam a ser integrados a cada novo contato.

Depreende-se desse tópico, até o momento, que o judaísmo diz respeito a conceitos históricos, religiosos e identitários. Contudo, além desses fatores, outra questão fundamental à comunidade judaica, de acordo com King (2001), é a questão linguística. Por esse fato, o capítulo a seguir terá o objetivo de comentar alguns dos principais idiomas utilizados por esse povo.

2 LÍNGUAS JUDAICAS E LITERATURA

De acordo com Rosa, Damke e Von Borstel (2008, p. 7), a língua aproxima e identifica os falantes. Daí a importância de se destacá-la como um fator de inserção cultural e de reafirmação da identidade judaica. Ao observar a história do povo judeu, pode-se verificar esse raciocínio na prática, uma vez que a história linguística dos judeus, segundo Langer (2009), é um reflexo da dispersão desse povo ao redor da Terra, já que as escrituras sagradas como a *Torah*, o *Talmud* e a *Tanakh* mostram que “uma única língua jamais foi suficiente para esse povo” (LANGER, 2009, p. 347). Os principais idiomas observados na comunidade judaica são o hebraico (SZUCHMAN, 2012), o aramaico (ARAÚJO, 2008), o ladino (KING, 2001) e o iídiche (AVIGNOR, 2010). A seguir, uma breve apresentação sobre cada uma delas.

2.1 Hebraico

Szuchman (2012, p. 59) alega que o hebraico é uma espécie de “segunda língua nacional de todos os judeus, em todas as gerações” e, de acordo com Even-Zohar (2011, p. 208), “o hebraico não foi só um molde central da atividade na criação da nova cultura, [após a diáspora] mas também um componente simbólico central dentro dela”. No século XXI, o hebraico é utilizado para fins religiosos, em orações e “nas cerimônias das comunidades referentes a datas ligadas ao calendário judaico ou eventos cívicos do Estado de Israel, bem como nos festivais de filmes israelenses” (SZUCHMAN, 2012, p. 67).

2.2 Aramaico

Além do hebraico, outra língua observada na literatura judaica é o aramaico. Em conformidade com Araújo (2008), essa língua pertence ao grupo de línguas semíticas dos habitantes das tribos nômades do deserto da Síria e é dividida em diversos dialetos, que são organizados e classificados de acordo com a cronologia (antigo, médio ou moderno) e geografia (oriental ou ocidental). Assim como o hebraico, esse idioma é, portanto, escrito da direita para a esquerda, com os mesmos caracteres do hebraico e, além disso, algumas expressões são comuns entre essas duas línguas, uma vez que os

hebreus mantinham contato com o povo arameu e, conseqüentemente, com a língua aramaica. Langer (2009) conta que essa proximidade linguística e cultural entre hebreus e arameus foi de grande importância para que o povo judeu se tornasse poliglota nos primeiros séculos da era cristã. Ainda de acordo com essa autora, “os elementos do hebraico e aramaico são parte do desenvolvimento ininterrupto do discurso e da escrita das línguas judaicas” (LANGER, 2009, p. 347).

2.3 Ladino

O ladino também é conhecido como judeu-espanhol e é utilizado no cotidiano dos judeus sefarditas (SZUCHMAN, 2012), que a utilizam para pensar e sentir (SANTA PUCHE, 2003), enquanto o hebraico é destinado às cerimônias litúrgicas. King (2001) afirma que o ladino teve origem depois que os sefarditas foram expulsos da Espanha, em 1492. Os destinos dessa diáspora incluíam o norte da África, Itália, Grécia e Turquia. Ao chegarem nesses países de destino, esses judeus comunicavam-se pela língua espanhola e inventaram o ladino para se reafirmarem como grupo. O ladino seria, de acordo com King (2001), um espanhol medieval misturado com hebraico, somado às línguas das novas terras em que haviam chegado. De acordo com Szwarc (2013), o ladino tem vocábulo castelhano e sintaxe hebraica. Assim como o iídiche, o ladino era originalmente escrito com caracteres do alfabeto hebraico (KING, 2001; AVIGNOR 2010), mas, de acordo com Gordon (2005), desde o século XIX, o ladino passou a ser escrito com o alfabeto latino e, conseqüentemente, da esquerda para a direita.

Santa Puche (2003) declara que a "era dourada" do ladino ocorreu entre os anos 1870 e 1930, com a produção mensal de mais de 300 jornais. Trubner (1890) alega que a obra mais importante da literatura judeu-espanhola é intitulada “Meam Loës”, um comentário enciclopédico sobre o Pentateuco. Santa Puche (2003) afirma que a literatura em ladino começou a ser produzida oral e anonimamente e, com o tempo, passou a ser perpetuada pela escrita, sob a autoria de um escritor. Esse mesmo autor defende que a poética ladina era de alta qualidade, possuía ricas narrativas, e se desenvolveu não só na literatura, mas também no teatro, que era muito elaborado e realizava complexas performances cênicas.

Avignor (2010, p. 39-40) ressalta que os judeus sefaraditas se comunicaram em ladino até meados do século XIX. Em relação ao século XXI, estima-se que o número de falantes de judeu-espanhol chega a cerca de 40 mil, sendo que, de acordo com Bones-Varol (2014, p. 2), essa população encontra-se espalhada entre Israel, Bulgária, Turquia, Marrocos, Estados Unidos, Grécia, França e Inglaterra. Além disso, de acordo com Bones-Varol (2014, p. 2) o ladino é estudado por pesquisadores espanhóis em várias universidades ao redor do mundo.

2.4 Iídiche

Enquanto o ladino corresponde à língua utilizada pela comunidade sefaradita, o iídiche é utilizado pelos judeus asquenazitas e descendentes (SZUCHMAN, 2012). De acordo com Guinsburg (2004), com a exceção dos momentos de prece ou de entrar em contato com textos religiosos – em que o hebraico é utilizado como língua litúrgica –, o iídiche é utilizado pelos judeus asquenazitas em momentos do dia a dia. A palavra “iídiche”, para Krynicka (2011), é um adjetivo derivado do substantivo “yid”, que pode ser traduzido simplesmente como “judeu” e Yitskhok Nirorski (2015) alega que o iídiche nasceu há cerca de um milênio nos países germânicos da Idade Média, entre os séculos IX e XI d.C., após os judeus das regiões da Itália e da França começarem a habitar região do Reno e, de acordo com Baumgarten (2002), essa língua é escrita da direita para a esquerda e reúne caracteres do alfabeto hebraico e do sistema fonológico alemão.

Azria (2006, p. 1), Baumgarten (2002) e Weinreich (1980) afirmam que o iídiche é uma “língua de fusão”, pois reúne elementos de vários idiomas. Dentre eles, segundo Yitskhok Nikorski (2015), estão o hebraico e o aramaico – línguas judaicas clássicas –, além do alemão medieval e das línguas românicas, germânicas e eslavas. Para Baumgarten (2002), o alemão foi o primeiro idioma com que o iídiche entrou em contato e, por isso, o iídiche original tinha muito em comum com essa língua. Com o passar do tempo, o iídiche continuou entrando em contato com outros idiomas e incorporou, principalmente, elementos de línguas eslavas, como o tcheco, o ucraniano, o bielorrusso e o polonês, que foram de grande importância para a formação da fonologia, morfologia e sintaxe desse idioma.

Krynicka (2011) alega que, desde o século XIX, na Europa Central, integrantes do iluminismo judaico – conhecido como *Haskala* – negam que o ídiche seja uma língua e, por isso, o denominavam pejorativamente como um “jargão”. Para Baumgarten (2002), os membros dessa organização queriam “modernizar a sociedade judaica, lutar contra os aspectos obsoletos da vida tradicional e quebrar as barreiras que existiam entre a cultura judaica e o mundo circundante” (BAUMGARTEN, 2002, p.4, tradução nossa)¹, ou seja, esse grupo, segundo Krynicka (2011, p. 2), defendia o ídiche como uma linguagem vernácula subordinada ao hebraico, que, segundo eles, seria a língua sagrada, merecedora da única atenção e respeito. Contudo, nessa mesma época, de acordo com Baumgarten (2002, p. 2), estudiosos começaram a padronizar a gramática do ídiche, a fim de que o idioma recebesse mais respeito e passasse a ser lecionado como disciplina em instituições de ensino, fato que cooperou na tarefa de desclassificar a alcunha pejorativa de “jargão”.

A partir dessa estabilização, a produção literária em ídiche foi amplamente estimulada até a Segunda Guerra Mundial (BAUMGARTEN, 2002), quando começou a perder parte do papel social e cultural que possuía até então. De acordo com Azria (2006, p. 1), a partir do Holocausto, o ídiche experimentou um período sem grandes expoentes culturais, principalmente devido ao fato de que as traduções em ídiche estavam inexistentes no mercado, impedindo a comercialização das obras e a propagação da cultura judaica. Baumgarten (2002) alega que, até a Segunda Guerra Mundial, existiam aproximadamente 11 milhões de falantes de ídiche ao redor do mundo. Hoje, são cerca de 2 milhões de falantes espalhados pelo mundo. De acordo com Szuchman (2012), no século XXI, o ídiche ainda é propagado nos principais centros asquenazitas de todo o mundo, principalmente nos círculos dos judeus ultra religiosos. Baumgarten (2002) resume, no trecho a seguir, a evolução do ídiche:

“O ‘jargão do gueto’, considerado há muito como uma linguagem inferior, tornou-se o meio de uma literatura rica e assim adquiriu suas letras de nobreza. Tornou-se um idioma de criação literária e expressão das principais tendências estéticas

¹ “[...] moderniser la société juive, lutter contre les aspects obsolètes de la vie traditionnelle et briser les barrières qui existaient entre la culture juive et le monde environnant.”

da modernidade” (BAUMGARTEN, 2002, p. 4, tradução nossa)².

Desse modo, pode-se afirmar que tanto o contato do iídiche quanto do ladino com outros idiomas e culturas foi imprescindível para o enriquecimento dessas línguas com o passar do tempo, pois, impulsionaram e trouxeram novas influências e empréstimos linguísticos. Apesar de já ter sido considerado uma linguagem pejorativa e subordinada ao hebraico, o iídiche caracteriza-se na contemporaneidade como um “patrimônio cultural marcador de identidade judaica e serve como um link vivo para a memória e a história de Ashkenazi” (BAUMGARTEN, 2002, p. 2, tradução nossa)³. Assim, a evolução do iídiche e do ladino com o passar do tempo apresenta mudanças significativas, que fazem dessas línguas fatores de criação da identidade cultural judaica, uma vez que King (2001) afirma que “a utilização de uma língua comum entre os membros da comunidade judaica vem funcionando como uma maneira de perpetuar o judaísmo” e Langer (2009, p. 350) destaca que “as línguas judaicas são uma criação do fator de formação de grupo da religião”.

Assim, entende-se, portanto, que a maioria das línguas judaicas deriva das interações dos judeus com outras culturas, pois é notável que tanto o aramaico, quanto o iídiche e o ladino compartilham características de uma língua comum e original, ou seja, a língua hebraica. Além disso, infere-se que iídiche e ladino surgiram a partir do contato da comunidade judaica com outros povos, com a finalidade de reafirmar a identidade judaica nos falantes. Logo, é interessante ressaltar a importância dos contatos culturais que os judeus mantiveram com outros povos após as diásporas, pois eles foram fundamentais para inserir novas características culturais à comunidade, sem a necessidade de deixar de lado suas tradições e costumes originais.

2.5 A literatura como ferramenta de manutenção da memória judaica

Uma vez que as línguas judaicas foram apresentadas, neste tópico pretende-se ilustrar a produção literária judaica como uma ferramenta de manutenção e propagação das tradições, memórias e costumes desse povo.

² “Le « jargon du ghetto », longtemps considéré comme une langue inférieure, devint le médium d'une riche littérature et acquit ainsi ses lettres de noblesse. Elle devint une langue de création littéraire et d'expression des principaux courants esthétiques de la modernité.”

³ patrimoine culturel juif, un marqueur d'identité et sert de lien vivant avec la mémoire et l'histoire ashkénazes

De acordo com De Jesus (2010), a literatura tem o papel de ajudar o indivíduo a revisitar o passado, pois é uma fonte de testemunhos, documentos e vivências, uma vez que os textos literários preservam uma lembrança de uma raiz identitária comum, o que caracteriza o conceito de memória coletiva. No caso do judaísmo, a literatura desse povo compila a produção realizada em vários idiomas:

“[...] iídiche, hebraico e muitos outros em que os judeus escrevem, do alemão de Kafka ao português de Samuel Rawet, do inglês de Philip Roth ao italiano de Giorgio Bassani, Primo Levi e Umberto Saba, do húngaro de Imre Kertesz ao francês de Proust etc. As obras escritas nesses últimos idiomas pertencem à literatura portuguesa, inglesa, alemã, italiana, húngara, francesa, respectivamente. Assim como aquelas escritas em iídiche pertencem à literatura iídiche. E as que foram escritas em hebraico pertencem à literatura hebraica [...]” (AMÂNCIO; KRAUSZ, 2016, p. 1).

De todas as línguas judaicas, o iídiche foi o idioma mais proeminente entre a população judaica que imigrou para o Brasil. Por questões de proximidade, o tópico a seguir será destinado a comentar um pouco sobre a produção literária em iídiche no Brasil.

2.5.1 Literatura iídiche no Brasil

De acordo com Nascimento (2009, p. 256), a imigração judaica para o Brasil se intensificou na década de 1920, devido às leis cada vez mais restritivas em países como Estados Unidos, Canadá e Argentina para receber estrangeiros. Esse fato, em conformidade com Szuchman (2009, p. 65), fez com que um grande número de judeus asquenazitas escolhesse o Brasil como novo lar, devido ao antissemitismo vigente na Europa. De acordo com Berezin (2009, p. 200-201), poucos desses imigrantes conseguiam expressar-se em português, pois “eram jovens, mas velhos demais para adotar o português como língua de criação literária”. Por isso, Nascimento (2009) explica que eles escreviam suas obras em iídiche, devido à “imperiosa necessidade de se narrar para resguardar o passado” (NASCIMENTO, 2009, p. 257-258), fato que demonstra a necessidade do povo judeu em preservar sua identidade e cultura com o passar do tempo.

Assim, as produções literárias em iídiche no Brasil mesclam “uma certa tradição judaica iídiche, tipicamente europeia, entremeada às cenas da vida

cotidiana brasileira, literalmente atravessada pelos ambulantes e mascates judeus” (NASCIMENTO, 2009, p. 260-261), criando o que Berezin (2009, p. 198) chama de “literatura iídiche-brasileira”, que tem origem na literatura iídiche original da Europa, mas possui fortes influências estéticas e estruturais da literatura universal e brasileira.

Nascimento (2009) alega que os primeiros escritores iídiches do Brasil produziam literatura sobre a cultura política, econômica e artística brasileira. Na maioria desses textos, os escritores imigrantes expressavam, segundo Berezin (2002), a saudade do lar e dos familiares, além da solidão. Para Nascimento (2009), o tema principal dessas narrativas era a luta pela sobrevivência em uma pátria desconhecida, que retratavam, na maioria das vezes, o vendedor que oferecia produtos de porta em porta. Esse ofício, de acordo com Berezin (2009), era a profissão de quase todos os asquenazitas recém-chegados ao Brasil. Ainda de acordo com Nascimento (2009), a literatura iídiche produzida no Brasil retrata a vida do imigrante judeu que pretendia reconstruir a vida em um país desconhecido, ao mesmo tempo em que tentava preservar tradição e religião.

Para Nascimento (2009), a coletânea de contos “Imigrantes, mascates & doutores”, de Meir Kucinski, é um exemplo de arquivo da memória judaica no Brasil, que “descortina ao leitor a melancólica vida desse imigrante que ao tentar manter sua religião no Brasil, parece inadaptado, perdido entre a sobrevivência e a manutenção da sua tradição” (NASCIMENTO, 2009, p. 256). Nessa obra, o escritor imigrante registra “um humor judaico muito refinado, referentes aos processos de adaptação, assimilação e sobrevivência” (NASCIMENTO, 2009, p. 256), que tem como objetivo construir uma identidade judaica pós-imigração no Brasil. Além disso, podem-se analisar algumas relações e trocas culturais entre os imigrantes judeus e os brasileiros:

“[...] é possível vislumbrar a relação, nem sempre amistosa, mas sempre incomparavelmente rica, entre os imigrantes judeus e os brasileiros, entre o esquecimento da tradição religiosa e a sua tentativa de sobrevivência. As trocas culturais oriundas dessa condição, inclusive no que diz respeito à língua, à religião e ao casamento, por exemplo, configuram-se como estratégias de sobrevivência e, também, paradoxalmente, de resistência cultural” (NASCIMENTO, 2009, p. 256).

De acordo com Waldman (2009), esse contato entre o português e o ídiche, mescla signos, contextos linguísticos e semânticos, “a ponto de uma língua transportar-se para outra”, resultado no que esse autor chama de “um texto ídiche escrito em português” (WALDMAN, 2009, p. 217-218). Berezin (2009) alega que a produção literária em ídiche no Brasil foi intensa, contudo, para Waldman (2009, p. 215), ela se desativou com o tempo, fato que marcou o empobrecimento da vida cultural judaico-brasileira na atualidade. Considerando essas afirmações, pode-se entender que a literatura judaica possui grande importância na tarefa de transmitir as tradições e costumes desse povo de geração em geração, há milênios.

3 CARACTERÍSTICAS MULTILÍNGUES DO JUDAÍSMO

No capítulo anterior foram apresentadas algumas línguas utilizadas pela comunidade judaica e ressaltou-se a utilização desses idiomas como fatores fundamentais para o surgimento e preservação da cultura e da identidade judaica. Dentre esses idiomas, citou-se o ladino, derivado do contato entre o hebraico e o espanhol medieval com outras línguas (KING, 2001). Também foi citado o iídiche, que foi definido por Weinreich (1980) como uma “língua de fusão” ou híbrida, por derivar do contato entre hebraico, aramaico, alemão medieval e línguas românicas, germânicas e eslavas. Desse contato entre línguas, surge a necessidade de comentar alguns conceitos de bilinguismo, de plurilinguismo e de multilinguismo.

Para Tussi e Ximenez (2010, p. 2), o bilinguismo é vinculado ao contexto “do que se quer dizer com ele, sempre tendo como parâmetro o grau ou nível de fluência do indivíduo”, enquanto Grosjean (1982) declara que a fluência em duas línguas é o que define um indivíduo bilíngue. Lehmann (2016) concorda com esse raciocínio de Grosjean (1982) ao ressaltar que o bilinguismo “abarca uma definição multifacetada, visto que se trata de uma competência linguística individual que pode ocorrer em diversos níveis e graus” (LEHMANN, 2016, p. 278). Então, pode-se complementar esses conceitos de “níveis e graus” de bilinguismo mencionados por Lehmann (2016) com as definições de Bloomfield (1933), Weinreich (1953) e Haugen (1953), citadas por Edwards (2006). O primeiro defende que o bilinguismo seria o conhecimento perfeito de uma língua estrangeira além da língua materna; o segundo alega que um indivíduo bilíngue é aquele capaz de utilizar dois idiomas alternadamente; e o terceiro afirma que, para ser bilíngue, o indivíduo deve ser capaz de produzir sentenças completas e com significado nas duas línguas (EDWARDS, 2006). Logo, os fatores que definem um indivíduo como bilíngue variam conforme os autores.

Um documento judaico que pode representar a ideia de bilinguismo é o *Talmud*, obra sagrada já citada no capítulo 1 por Wolkmer (2014), que reúne interpretações de textos jurídicos divididos em duas partes: a *Mishná* e a *Guemará*. Langer (2009) define o *Talmud* como um “monumento ao

bilinguismo” (LANGER, 2009, p. 347-348), uma vez que essa obra foi escrita em um misto de hebraico e aramaico. Para a autora, o uso dessas duas línguas no *Talmud* representa uma parte do desenvolvimento discursivo e gráfico das línguas judaicas:

“O Talmude (coletânea de textos legais sobre e interpretações bíblicas de autoria rabínica variada, reunidos numa obra escrita em hebraico e aramaico, que dá continuidade ao texto bíblico) é um monumento ao bilinguismo: hebraico aramaizado na *Mishná* (textos legais judaicos escritos num hebraico que apresenta a influência do aramaico) e aramaico hebraizado na *Guemará* (livro posterior à *Mishná*, escrito num aramaico que apresenta a influência do hebraico)” (LANGER, 2009, p. 347-348).

Do ponto de vista etimológico, de acordo com Santos (2012), as definições de multilinguismo e plurilinguismo são, geralmente, associadas ao âmbito de convivência simultânea entre diversas línguas e falantes. Além disso, segundo essa autora, esses conceitos diferem-se por se relacionarem a aspectos individuais e coletivos, sendo que “do ponto de vista da política de línguas, diz-se que um indivíduo é plurilíngue e a área geográfica é multilíngue” (SANTOS, 2012, p. 55), ou seja, o plurilinguismo seria um aspecto individual, enquanto o multilinguismo seria um aspecto da coletividade. Contudo, essa autora alega que essa diferenciação é apenas didática e não interfere nos estudos de diversidade linguística. Assim, nem todos os autores concordam com a definição de que o multilinguismo seja uma competência exclusivamente coletiva, uma vez que, em contrapartida a essa definição de Santos (2012), o multilinguismo é definido pela Comissão Europeia (2005) como sendo a capacidade individual de utilizar diversos idiomas. Israel, país onde se concentra a maior população judaica do mundo, não faz parte da União Europeia, porém mostra-se pertinente ressaltar que Silva (2009) cita, entre os objetivos da política linguística multilíngue da União Europeia, a coexistência de comunidades linguísticas diferentes em uma mesma área geográfica:

“Sua política tem três objetivos: incentivar a aprendizagem de línguas e promover a diversidade linguística, promover uma economia multilíngue sólida e a acessibilidade dos documentos, legislação e informações da União Europeia na própria língua dos seus cidadãos. O objetivo é não só facilitar a comunicação entre os cidadãos, mas também incentivar uma maior tolerância e respeito pela diversidade cultural e linguística da União Europeia, bem como a integração

econômica e seus benefícios trazidos pelo conhecimento de outras línguas” (SILVA, 2009, p. 1076).

Dentre os benefícios do multilinguismo, Capucho (2009) destaca a capacidade de “oferecer aos indivíduos a possibilidade de viver num espaço de diálogo das identidades e das culturas” (CAPUCHO, 2009, p. 9), desse modo, pode-se inferir que características multilíngues também podem ser atribuídas a um indivíduo, não só a uma área geográfica, como propôs Santos (2012), previamente. Além disso, Menezes (2013, p. 2) alega que em um ambiente multilíngue existe a “oferta de diferentes línguas estrangeiras para a aprendizagem”, fato que, segundo o autor, é uma motivação para aprender outros idiomas. Capucho (2009) complementa o argumento de Menezes (2013) ao afirmar que o ato de aprender uma língua estrangeira representa a construção de um novo mundo por indivíduos que estão em constante mudança. Segundo essa autora, essa construção representa o reconhecimento da “nossa identidade num espaço plural e diversificado” (CAPUCHO, 2009, p. 9), fato que expande os limites dos conhecimentos originais de cada ser humano.

Ressalta-se aqui que a bibliografia selecionada para este trabalho destacou que ao menos quatro línguas são observadas com maior frequência pelos membros da comunidade judaica. No capítulo anterior foram mencionados o hebraico (LANGER, 2009), o aramaico (ARAÚJO, 2008), o ídiche (KING, 2001) e o ladino (AVIGNOR, 2010). Comentou-se o fato de que essas línguas são utilizadas como um “instrumento da sobrevivência do judaísmo nos dias atuais” (KING, 2001) e que funcionam como um fator de criação e reafirmação da identidade judaica. Também se destacou que o ídiche e o ladino são línguas híbridas devido ao fato de serem derivadas do contato entre hebraico e aramaico com línguas germânicas, eslavas e semíticas – no caso do ídiche –, e espanhol medieval – no caso do ladino.

Além disso, há de se ressaltar que, de acordo com Kheimets e Epstein (2007), além dessas línguas, o povo judaico também adota o idioma do território em que vivem, com a finalidade de se comunicar com não judeus. Considerando essa pluralidade linguística, pode-se afirmar a existência de características multilíngues na comunidade judaica, principalmente em Israel,

onde se concentra a maior quantidade de judeus ao redor do mundo. Exemplo disso é que nesse país a situação linguística é bastante variada, uma vez que esse é um Estado povoado, principalmente, por imigrantes. De acordo com Kheimets e Epstein (2007), “imigrantes se tornam mais sensíveis às implicações culturais e sociais do multilinguismo” (KHEIMETS; EPSTEIN, 2007, p. 86, tradução nossa)⁴. Além disso, segundo Szuchman (2012), após a criação do Estado de Israel, em 1948, a língua hebraica “passou a ser ensinada segundo o padrão de língua hebraico-israelense dominante em Israel” (SZUCHMAN, 2012, p. 67), ou seja, o hebraico foi adotado como a principal língua de todas as instituições judaicas do mundo.

De acordo com Kheimets e Epstein (2007), a maioria dos israelenses se comunica em hebraico, pois essa língua é um símbolo nacional e a sua utilização ajuda a despertar nos falantes um sentimento de patriotismo judeu, conectando esse povo aos antepassados e transmitindo uma tradição clássica, religiosa e histórica, o que remete à discussão sobre identidade judaica realizada no capítulo 1. Porém, Spolsky e Cooper (1991) alegam que o hebraico não é a língua oficial de Israel, uma vez que o idioma principal é definido a nível local, ou seja, cada governo federal decide o que é apropriado, visto que Kheimets e Epstein (2007) ressaltam que menos da metade da população israelita nasceu em Israel, desse modo, o hebraico não é a língua materna da maioria dos israelitas. Ainda de acordo com esses autores, dentre os principais idiomas nativos desse povo estão o russo, variedades de árabe ou judeu-árabe e o iídiche.

Apesar da existência de um apoio político e ideológico ao hebraico, segundo Kheimets e Epstein (2007), o inglês se espalhou em todos os setores da população israelense. Szuchman (2012) resalta a importância do inglês no mundo globalizado e reforça que essa língua também influenciou a população israelita:

“Somados aos judeus dos Estados Unidos, Inglaterra, Irlanda, Austrália e Nova Zelândia, que representam 50% do total dos judeus de todo o mundo, é notável o número de intelectuais judeus de outros países e, sobretudo, cidadãos israelenses provenientes de todas as camadas sociais que falam e estudam inglês com fins acadêmicos e profissionais desde o

⁴ “[...] the immigrants become more sensitive to the cultural and social implications of multilingualism”.

jardim de infância até a Universidade. De fato, em Israel a língua inglesa adquiriu, embora não oficialmente, um status extremamente poderoso como segunda língua, e vem influenciando de forma significativa a língua hebraica” (SZUCHMAN, 2012, p. 67).

Assim, pode-se inferir que, no século XXI, em Israel, o hebraico é importante para a integração social e civil dos cidadãos, enquanto o inglês é utilizado para o âmbito profissional (KHEIMETS; EPSTEIN, 2007). Kheimets e Epstein (2007) também alegam que, após 1945, os judeus adquiriram nos países modernos direitos plenos de cidadãos democráticos, apesar do antissemitismo velado. Além disso, como foi apresentado previamente, verificou-se que o multilinguismo foi fundamental para a formação das línguas judaicas, principalmente o ídiche e o ladino.

Considerando essas afirmações, infere-se que o judaísmo possui características multilíngues e plurilíngues. Ele é multilíngue, porque tem a capacidade de reunir várias línguas e também pode ser plurilíngue, uma vez que os membros que compõem a comunidade judaica estão presentes em todos os continentes do mundo, ou seja, o judaísmo não pertence a um local fixo e isso faz com que os membros da comunidade judaica sejam considerados plurilíngues.

Depreende-se dos dados apresentados até o momento que o multilinguismo ofereceu pontos positivos e negativos à comunidade judaica. Dentre os principais benefícios, pode-se destacar que o multilinguismo foi um instrumento fundamental à propagação cultural do judaísmo ao redor do mundo. Exemplo disso foram os episódios de imigração forçada. Após essas diásporas, os judeus precisavam entrar em contato com outros povos para sobreviverem como comunidade e manterem vivas as suas tradições. Mesmo que forçados, esses contatos com outros costumes, identidades e povos, resultaram no surgimento de bons frutos, por exemplo, em línguas como o ídiche e o ladino, fato que foi apresentado no capítulo anterior.

Em relação aos pontos negativos gerados pela convivência entre judeus e não judeus, Szuchman (2012) destaca a diminuição do uso das línguas judaicas, no século XXI, no trecho a seguir:

“Nessa realidade em que judeus e não judeus convivem lado a lado, a utilização das línguas judaicas, que perduraram durante centenas de anos como línguas de criatividade cultural e como instrumentos de comunicação, diminuíram e se desgastaram com o passar do tempo” (SZUCHMAN, 2012, p. 31).

Além disso, como ponto negativo, Kheimets e Epstein (2007) ressaltam o enfraquecimento das raízes culturais judaicas entre os imigrantes devido ao aumento dos casamentos interétnicos (entre judeus e não judeus) e afirmam ser provável que as próximas gerações de israelenses se desinteressem pelo uso da língua nativa e da cultura judaica. Seguindo a mesma linha de raciocínio, Szuchman (2009) alega que “a geração atual de judeus brasileiros nunca chegou a estudar o iídiche como matéria regular nas escolas, mesmo tendo sido essa a língua falada em suas casas pelos seus avôs ou familiares” (SZUCHMAN, 2009, p. 65), ou seja, nota-se uma perda de interesse pelo judaísmo não só na população de Israel, mas também na comunidade judaica brasileira.

No momento em que o povo judeu se espalhou para diversos lugares do mundo, se deparou com o desafio de, ao mesmo tempo, manter as suas tradições e se abrir para as novas culturas nas quais estavam inseridos, por questões de necessidade. Infere-se disso que esses contatos com outros povos só se tornaram possíveis por meio do multilinguismo e permitiram não só o desenvolvimento das línguas judaicas, como o iídiche e o ladino, como também tiveram grande importância na divulgação da cultura judaica para outros povos, com o passar do tempo. Uma das ferramentas que possibilita essa transmissão de costumes judaicos a outros povos é a tradução. Por isso, o tópico seguinte pretende exemplificar como a tradução propaga a cultura e a identidade judaica a não judeus e também a judeus que não aprenderam o iídiche e o ladino.

3.1 A tradução como ferramenta disseminadora da cultura judaica

A seguir, serão apresentados quatro pequenos trechos de traduções para o português de obras originalmente escritas em iídiche e em ladino, sem a necessidade de analisá-los com maior profundidade, visto que a intenção é apenas destacá-los como elementos culturais que pretendem se perpetuar como a memória identitária de um grupo.

Como foi visto no capítulo 2, a produção literária iídiche-brasileira foi bastante vasta, principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro. De acordo com Berezin (2009), Rosa Schafran Palatnik e Meir Kucinski foram alguns escritores de renome dessa literatura. Rosa Palatnik se instalou no Rio de Janeiro, em 1936, e a sua obra mais famosa, “Kroschnik – Rio”, documentou em iídiche fatos sobre a realidade brasileira. Dentre os vários contos dessa autora que foram traduzidos para o português, a seguir, segue um trecho de “Verde para *Schevues*”, para fins de exemplificação:

“O senhor David volta ao salão, fecha as venezianas, de tal modo que nem um pouquinho de luz penetrasse. Ele quer agora ficar sozinho para poder enxergar melhor, para poder pensar mais claramente. Ele se estende no sofá aveludado, cerra os olhos cansados e logo vê, como que através de um véu encorpado, o grande entusiasmo dos *Shevues* familiares: a entrega da Toire... Deus nos elegeu como seu povo... Que preparativos grandiosos... judeus colavam nos vidros como artísticos: figuras de anjos carregavam os dez mandamentos em suas asas... Enfeites representavam Moisés no Monte Sinai... Outros – onde o céu se divide; e também quadros artísticos que pobres judeus do povo, com rica imaginação, haviam elaborado. Sim, isso tudo era antigamente. Mas agora?” (PALATNIK, 2007, p. 177)⁵.

Nessa obra, pode-se perceber a preocupação de Palatnik (2007) em retratar o cotidiano de famílias tradicionais judaicas, e também em citar fatos importantes da história desse povo, como o momento em que Deus entrega a tábua dos Dez Mandamentos ao profeta Moisés, no Monte Sinai. Além disso, infere-se um sentimento de orgulho em relação à ancestralidade e identidade judaica em “Deus nos elegeu como seu povo”. Assim, a tradução desse conto, por apresentar tais elementos da cultura judaica, é fundamental na tarefa de propagar os conceitos históricos e culturais judaicos ao leitor brasileiro não judeu.

Ao contrário de Rosa Palatnik, que se instalou no Rio de Janeiro, Meir Kucinski se fixou em São Paulo, em 1935, e além de literatura, produziu críticas

5

ליכט פון ביסל קליין א נישט אז וועג א אַזא אין, שאַטערז די קלאַוזיז, האַלל די צו אומגעקערט דוד הער“ ער. קלאר מער טראַכטן קענען ער אַזוי, בעסער זען קענען ער אַזוי אַליין זיין צו וויל איצט ער. פענאַטרייך די, שלייער פול אַ דורך אויב ווי, זעט באַלד און אויגן מידי זיין קלאַוזיז, קאַנאַפּע סאַמעט די אויף אויס אויסשטרעקן זיין ווי עלעקטעד אונדז האט גאַט ... טאַירע פון אַרויסגעבן די: סטשעוועס באַקאַנטע די פון ענטוויאַזם גרויס האבן מלאכים פון פיגערז די: קינסט ווי גלאַז די צו גלוד יהודה. פרעפּעריישאַנד גראַנדאַוס וואָס ... מענטשן - אנדערע ... סיני באַרג אויף משה רעפּראַזענטאַד ימבעללישמענט ... פּליגל זייער אויף געבאַטן צען די געטראַגן האַבן, פאַנטאַזיע רייכע מיט, מענטשן די פון אידן אַרעמע די וואָס בילדער קינסטע אויך און; דיווייזד הימל די וווּ האַבן געגרינדעט (CYTRYNOWICZ; MIGDAL, 2007, p. 177).”

literárias em ídiche. A antologia “Imigrantes, mascates & doutores” reúne alguns contos de Kucinski que foram traduzidos para o português, em 2002. A seguir, um trecho do conto “O Fiscal”, integrante da antologia de Kucinski:

“Ierakhmiel carrega sua mala através das ruas da vila, nos morros da Cantareira, e o cheiro de tabaco empoeirado penetra em todos os seus poros. Há meses que não chove, e as plantas jazem ressecadas, recobertas por uma grossa camada de terra vermelha, como se estivessem mortas. A estrada se estende ao longe e ele força a vista à procura de uma travessa. Na estrada larga, ele anda inquieto porque a qualquer momento pode aparecer uma carrocinha da prefeitura com fiscais e sua pouca mercadoria, toda a sua fortuna, que ele carrega sem licença, pode ser apreendida por eles” (KUCINSKI, 2002, p. 41).⁶

A obra de Kucinski (2002) narra a história de um imigrante asquenazita que chega na cidade de São Paulo na década de 1930 e trabalha como vendedor. Nela, são perpetuadas as impressões de um estrangeiro recém-chegado ao Brasil, que luta para manter vivas as suas tradições e, ao mesmo tempo, tenta se adaptar ao novo país. A tradução desse material ao português permite que o não judeu brasileiro se inteire sobre detalhes da imigração judaica no Brasil. Além disso, possibilita que o leitor obtenha informação sobre a forma como ocorria o contato entre os imigrantes judeus e os brasileiros nativos, ou seja, a tradução da obra judaica é um modo de inserir um fato noticioso judaico na cultura brasileira.

Berezin (2002) ressalta que Palatnik (2007) e Kucinski (2002) foram imigrantes judeus que chegaram ao Brasil em meados da década de 1930. Esses dois pequenos trechos de suas respectivas obras podem demonstrar como a prática da tradução representou uma resistência cultural dos escritores judeus asquenazitas no Brasil, uma vez que esses utilizavam o ídiche – idioma representante de sua cultura – como instrumento de escrita em terras brasileiras. As traduções desses livros documentam a preservação e a propagação dos costumes desse povo, uma vez que, sem elas, seriam poucos

6

"האכמעל קאריז זיין זעקל דורך די גאסן פון דעם דארף, אויף די היללס פון די קאנטארעירא, און דער שמעקן פון שטויביק טאביק פענאטרייץ אלע זיין פאָרעס. עס איז נישט ריינדזשינג פֿאַר חדשים, עס איז ויסגעשעפט, באדעקט דורך אַ געדיכט פלאַסט פון רויט ערד, ווי אויב טויט. דער וועג סטרעטשיז אין די ווייטקייט און עס פֿאַרסעס די מיינונג צו זוכן פֿאַר אַ טאָץ. אויף דער ברייט וועג, ער גייט פֿריי, ווייל אין קיין מאַמענט עס קען זיין אַ קאַרשינהאַ פון די פֿריפעקטשער מיט שטייער און זיין קליין סכּוירע, אלע איר זאַרג, וואָס ער קאַריז אָן אַ דערלויבעניש, קענען זיין באַמערקט דורך זיי" (KUCINSKI, 2002, p. 41).

os brasileiros não judeus que poderiam acessá-las e conhecer, por meio delas, a cultura da comunidade judaica. Além disso, essas traduções podem ser interessantes a judeus que não aprenderam o iídiche ou o ladino. Ao mesmo tempo em que esses escritores judeus mantiveram a sua língua original para produzir a sua literatura, em um ato de resistência e de preservação cultural, permitiram que fossem realizadas traduções desses materiais para o português, o que representa um movimento de se abrir e de entrar em contato com a cultura do local estrangeiro que os recebeu.

Em contraponto a esses dois textos em iídiche, a seguir, estão alguns fragmentos de uma obra originalmente escrita em ladino, língua utilizada pelos judeus sefarditas. Schiefler-Fontes (2006) apresenta alguns trechos da obra “Romances e canções sefarditas (Séc. XV ao XX)”, traduzida para o português por Leonor Scliar-Cabral:

“Por amar uma donzela daqui deste lugar. Como a amo, como a quero, pus-me então em sua busca. A seu pai pedi-lhe a mão, grande guerra a mim declarou. A sua mãe pedi-lhe a mão, na conversa me engambelou. Ao irmão pedi-lhe a mão, com o punhal quase me matou” (SHIEFLER-FONTES, 2006, p. 12)⁷.

Outro texto também traduzido por Leonor Scliar-Cabral:

“Filha minha querida, tem dó, não te jogues, não, ao mar, porque o mar está em fúria. Cuidado, vai te levar. -Que me leve e me trague, tem dó, nas profundezas do mar. Devore-me o peixe preto para salvar-me de amar” (SHIEFLER-FONTES, 2006, p. 9).⁸

Destaca-se que, no caso do ladino, o contato entre línguas – principalmente o hebraico e o espanhol medieval – foi fundamental para a formação dessa língua. A partir desse fato, infere-se que a manutenção dos costumes e da identidade sefardita – assim como a identidade asquenazita, com o iídiche –, aconteceu pelas traduções das obras, originalmente escritas em ladino, para outras línguas. Em relação às traduções do ladino para a língua portuguesa, Shiefler-Fontes (2006, p. 3) destaca que elas promoveram

⁷ “Por amar uma doncella, de aquí d’este lugar. Ah, yo la amo, yo la quero, yo sali’n su búšquida. Se la demandí a su padre, guerra grande m’hiz’armar. Se la demandí a sua madre, de palabras m’hizo’nganar. Se la demandá a su rmano, con cuchillo me quería matar”

⁸ “Hija mia mi querida, amán, no te echas a la mar, que la mar’stá en fortuna, mira que te va llevar. -Que me lleve y me traiga, amán, siete funtas de fondor. Que m’engluta peše preto para salvar del amor”

“a abertura de uma janela na parede que invariavelmente nos separa de nosso passado, por mais improvável que a densidade natural dessa barreira possa fazê-lo parecer”, ou seja, facilitaram o contato do leitor brasileiro com textos que remetem à memória de outra época e cultura.

Logo, mesmo que o povo judeu não seja conhecido por ser uma comunidade aberta a outras tradições, pode-se entender pela bibliografia apresentada durante este trabalho que, desde o início, essa comunidade entrou em contato com outros grupos, mesmo que involuntariamente, e por vezes incrementou características de outros povos às suas – sem prejudicar as características originais –, a fim de garantir a sua preservação, fato que a caracteriza como uma “identidade-rizoma”, termo citado por Glissant (2005), citado previamente. Assim, mesmo que seja de maneira introvertida, o judaísmo permanece se abrindo e se adaptando a novas culturas e tradições para se preservar com o passar do tempo, ou seja, no momento em que uma cultura entra contato com outra, uma nova cultura se forma, pois a primeira cultura adquire, involuntariamente, características da segunda sem que as suas peculiaridades originais sejam afetadas.

Faz-se necessário também retomar o fato de que a criação de línguas como o ídiche e o ladino, só aconteceu devido ao multilinguismo, que permitiu e promoveu as trocas culturais entre os judeus e outros povos e, ao mesmo tempo, ajudou a disseminar e a perpetuar as tradições culturais judaicas ao redor do mundo, por meio das traduções das obras produzidas originalmente nessas línguas. Portanto, a tradução tem um papel fundamental nessa tarefa de manutenção do judaísmo, visto que ajuda a propagar a tradição e a manter a memória e a identidade judaica vivas. Assim, conclui-se que o multilinguismo, como afirma Harshav (2011), foi a força motriz na transformação total dos judeus na era moderna no que diz respeito à geografia, à história, à educação, ao comportamento e à consciência.

CONCLUSÃO

Uma das três principais religiões monoteístas do mundo, o judaísmo possui uma história com mais de três milênios e abrange fatores que extrapolam as barreiras da religião. Além dos rituais comandados por rabinos e realizados em sinagogas, o judaísmo abrange fatores históricos, étnicos, filosóficos, políticos e sociais. Uma das grandes discussões atuais que envolvem esse complexo sistema cultural diz respeito ao conceito de identidade judaica, uma vez que um judeu não pode ser reconhecido por traços físicos ou pelo local em que habita: há judeus de todas as cores de pele, habitando todos os continentes do mundo, que podem ou não seguir a religião judaica. Logo, como não há uma autoridade que regulamente ou identifique um judeu, esse é um critério bastante subjetivo, na contemporaneidade. Contudo, a reafirmação dos judeus enquanto um grupo surgiu com as diásporas, ou migrações forçadas, derivadas do antissemitismo, que começaram há quase sete séculos antes de Cristo. Habitando um país com sociedades que tinham costumes e línguas diferentes das suas, esses “filhos de Israel” encontraram-se frente ao seguinte dilema: a obrigação de viver em sociedade com povos seculares sem que as tradições judaicas fossem esquecidas.

Desses contatos com outras culturas e da necessidade de se afirmarem como judeus perante sociedades distintas ao redor do mundo foram criadas línguas como o iídiche e o ladino, que geraram orgulho nos falantes, pois esses idiomas permitiam a sua identificação como judeus. Infere-se desse fato, a importância do multilinguismo a essa comunidade, uma vez que essa competência linguística permitiu não só a criação de línguas, como também permitiu a propagação e a difusão do judaísmo para outros povos, além da preservação cultural dessa comunidade com o passar do tempo.

Verificou-se que a evolução dos idiomas judaicos resultou em uma vasta produção literária. Em relação ao iídiche, pode-se verificar que a literatura produzida pelos judeus asquenazitas perpetuou-se como um mecanismo de resistência e de preservação dos hábitos, da identidade e dos costumes judaicos com o passar dos séculos. A representatividade multicultural e

linguística desse povo pode ser observada desde a origem, e isso demonstra que as inter-relações se fazem presentes na manutenção e na perpetuação dessa cultura por meio de mecanismos como a própria língua, que carrega os elementos dos contatos que recebeu durante anos, como é o caso do iídiche. A tradução tem também papel fundamental na propagação e manutenção não só do judaísmo, mas de toda e qualquer cultura que é traduzida.

Assim, neste trabalho retratou-se o sistema cultural judaico, discutiu-se a questão da identidade judaica, apresentaram-se as principais línguas judaicas, ilustraram-se as características multilíngues da cultura judaica por meio da produção literária em iídiche no Brasil e defendeu-se essa mesma literatura iídiche como um ato de resistência cultural, que se apropria de elementos de outras comunidades, sem deixar de preservar as tradições originais judaicas.

Conclui-se, portanto, que toda cultura está baseada em contatos voluntários e involuntários com outros povos. E é somente por meio desses contatos que uma cultura é capaz de se preservar e de se manter com o passar do tempo, pois se não se abrir, cai no ostracismo e morre em si mesma. Logo, essas aberturas culturais não têm finalidade voluntária, mas sim de sobrevivência, com fins adaptativos e de preservação. No caso do judaísmo, verificou-se que, ainda que seja pouco e de maneira tímida, a cultura judaica permite se abrir a novas tradições e culturas para permanecer viva com o passar do tempo. Desse modo, é necessário que o judaísmo se conserve em contato com outros povos, a fim de manter as particularidades originais, garantindo não só o sentimento de pertencer a um grupo, como também a propagação e manutenção dessas idiossincrasias às próximas gerações.

Vale ressaltar, mais uma vez, que esses mesmos contatos fazem com que a comunidade judaica seja compreendida como multilíngue e que as relações que se estabelecem no tempo, são responsáveis por marcar – ora de forma pontual ora de forma tênue – as características mais profundas de um povo, ou seja, aquilo que poderíamos chamar de identidade. A correlação que se faz entre a representação dessa identidade com a língua ou com as línguas que prefiguram essa comunidade representam de forma conjunta a sua multiplicidade. Assim, vale pontuar que o fato de observar a comunidade

judaica como multilíngue nos permite reafirmar que por mais que se busque a manutenção de uma tradição de base, sempre se encontra brechas para a evolução. Por “evolução”, entende-se os mecanismos que permitem fazer desdobramentos da cultura e da língua, ou seja, a própria língua é a responsável por permitir novas aberturas. O ídiche, como foi exemplificado, não só representa um mecanismo de resistência, mas também uma forma de manter relações mútuas com outros povos, sendo compreendido como uma ponte entre a tradição interna e a cultura moderna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMÂNCIO, Moacir; KRAUSZ, Luis Sérgio. **Onze livros de ficção para conhecer a literatura hebraica**. São Paulo: USP, 2016. Disponível em: <<http://fflch.usp.br/sites/fflch.usp.br/files/2017-11/Literatura%20Hebraica.pdf>> . Acesso em: 25 nov. 2017.

ARAÚJO, Reginaldo Gomes de. **Gramática do aramaico bíblico**. Edições Targumim, 2008.

AVIGNOR, Renee. **Judeus, sinagogas e rabinos: o judaísmo em São Paulo em mudança**. São Paulo: USP, 2010.

AZRIA, Regine. **La langue des juifs ashkénazes: le yiddish**. La Découverte, 2006.

BAUMGARTEN, Jean. **Le yiddish: langue et littérature**. Clio: out. 2002.

BEREZIN, R. Literatura de imigrantes: a literatura ídiche no Brasil. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: **Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 198-202.

BONDER, N.; SORJ, B. **Judaísmo para o século XXI: o rabino e o sociólogo** [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010.

BONES-VAROL, Marie-Christine. **Le judéo-espagnol**. 2014. Disponível em: <http://www.akadem.org/sommaire/cours/3000-ans-de-langues-juives/le-ladino-une-extraordinaire-continuite-23-05-2014-59686_4526.php>. Acesso em: 24 nov. 2017.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**, 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 19 set. 2017.

CAPUCHO, Maria Filomena. **Sobre línguas e culturas**. Universidade Católica Portuguesa. Revista Veredas, ed. 12, art. 94, 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo094.pdf>. Acesso em: 24 out. 2017.

COMISSÃO EUROPEIA. **Um novo quadro estratégico para o multilinguismo**. Bruxelas, 2005. Disponível em: <www.europa.eu>. Acesso em: 25 out. 2017.

DE JESUS, Rosângela Cidreira. **Tradição e tradução: identidade, cultura, memória**. Salvador: UFBA, 2010.

DECOL, René Daniel. Jews in Brazil: exploring census data. **Revista brasileira de ciências sociais**, v. 16, n. 46, p. 147-160, 2001.

EDWARDS, John. Foundations of Bilingualism. In: BHATIA, Tej K.; RITCHIE, William C. **The handbook of bilingualism**. Malden: Blackwell Publishing, 2006. p. 7 -30.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Quem tem medo da cultura hebraica? **Revista UFG**, ano XIII, n. 10, jul. 2011.

GAARDER, J. et al. **O livro das religiões**. São Paulo: Cia das Letras, 2002.

GILBERTO, Antonio. **Teologia sistemática pentecostal**. CPAD. 2015

GLISSANT, E. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce do Carmo Albergaria Rocha. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

GORDON, Raymond. **Ethnologue: languages of the world**. 15. ed. Dallas: SIL International, 2005.

GROSJEAN, François. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

GUINSBURG, J. Uma língua passaporte: o iídiche. **Revista espaço acadêmico**, n. 37, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/037/37cguinsburg.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2017.

HARSHAV, Benjamin. 2011. **Language: Multilingualism**. YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe. Disponível em: <<http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/Language/Multilingualism>>. Acesso em: 23 de novembro de 2017.

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém**. Obra completa. 24ª impressão. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2013.

KHEIMETS, Nina G.; EPSTEIN, Alek D. Language Education in the Trilingual Situation: The Post-Soviet Jewish Intelligentsia in Israel between State, Community and Labor Market. In: **Every Seventh Israeli: The Jews of the Former Soviet Union – Patterns of Social and Cultural Integration**. Jerusalem: The Jewish Agency, 2007, p. 85-116.

KING, Robert. The paradox of creativity in diaspora. **Studies in the linguistic sciences**, v. 31, n. 1, Spring, 2001.

KRYNICKA, Natalia. **Langue juive ou jargon: les dénominations du yiddish en Pologne avant 1939**. Revue des études hébraïques et juives. Yod: 2011.

KUCINSKI, Meir. **Imigrantes, mascates e doutores**. São Paulo: Atelie Editorial, 2002.

LANGER, Eliana Rosa. Identidade das línguas judaicas – o caso do “bagito”. In: LEWIN, Helena, coord. **Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-**

relações [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. pp. 347-357.

LEHMANN, Bianca Alves. Bilinguismo e identidade: uma dupla construção. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 53, 2016, p. 273-283.

MALKA, Victor. **Les juifs sefarades**. Presses Universitaire de France. Paris, 1997.

MENEZES, Leonarda Jacinto José Maria. **Plurilinguismo, multilinguismo e bilinguismo**: reflexões sobre a realidade linguística moçambicana. Espírito Santo: UFES, 2013.

MILLMAN, Ivor I. Data on diaspora Jewish populations from official censuses. In: P. Glikson, S.J. Gould e U.O. Schmelz (eds.). **Studies in jewish demography** — survey for 1972-1980, Jerusalém, Institute of Contemporary Jewry, The Hebrew University, 1983, pp. 31-120.

NASCIMENTO, L. Discretos e escondidos cantinhos da alma: a condição religiosa imigrante no conto “Kadisch: a oração pelos mortos”, de Meir Kucinski. In: LEWIN, H., coord. **Judaísmo e modernidade**: suas múltiplas inter-relações [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. pp. 255-261.

OLIVEIRA, Altemar. **Compendio de teologia e religião**. Rio de Janeiro: Clube de Autores, 2010.

PALATNIK, Rosa. Verde para Schevues. [s.d.] In: CYTRYNOWICZ, Hadassa; MIGDAL, Genha. [orgs.] **O conto ídiche no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2007.

ROSA, E. K.; DAMKE, C.; VON BORSTEL, C. N. Língua/cultura como fator de pertencimento identitário. **14ª jornada regional e 4ª nacional de estudos linguísticos e literários-campus da Unioeste**. Marechal Cândido Rondon. Paraná, 2008.

SANTA PUCHE, Salvador. Una lengua en el infierno: el judeo-español en los campos de exterminio. **Revista electrónica de estudios filológicos**, n. 5, abr. 2003.

SANTOS, Alessandra de Souza. **Multilinguismo em Bonfim/RR**: o ensino de Língua Portuguesa no contexto da diversidade linguística. Brasília: UnB, 2012.

SCHIEFLER-FONTES, Márcio. **Romances e canções sefarditas dos séculos XV a XX traduzidos do judeu-espanhol**. Santa Catarina: Universidade de Santa Catarina, 2006.

SCHMELZ, Usiel Oskar; PERGOLA, Sergio Della. World jewish population, 1990. **The American Jewish Year Book**, p. 484-512, 1992.

SILVA, Diego Barbosa da. Por uma política linguística da união europeia? A questão do multilinguismo. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. XIII, n. 4, 2009. p. 1074-1082.

SORJ, Bernardo. **Identidade judaica, diversidade e unidade**. O processo da formação da identidade judaica e antissemitismo. Coordenador: Saul Fuks. Out, 2004. Disponível em: <http://www.bernardosorj.com/pdf/identidade_judaica_diversidade_e_unidade.pdf>. Acesso em: 29 set. 2017.

SORJ, Bernardo; GRIN, Monica. **Judaísmo e modernidade**: metamorfoses da tradição messiânica. SciELO – Centro Edelstein, jan. 2008.

SPOLSKY, Bernard; COOPER, Robert. **The languages of Jerusalem**. Oxford: Clarendon – Oxford University Press, 1991.

SZUCHMAN, Esther. Língua e identidade: o iídiche e o hebraico no contexto histórico da educação judaica no Brasil. **Revista vértices**, São Paulo, n. 13, 2012. Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/vertices/article/view/473>>. Acesso em: 21 jun. 2017.

_____. Memórias, línguas e identidade: identificação linguístico-cultural na condição judaica. In: LEWIN, Helena, coord. **Judaísmo e modernidade**: suas múltiplas inter-relações [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. pp. 347-357.

SZWARC, S. **La “loi du retour” appliqué en Espagne**. Dossier Actualité juif, nº 1234 – França, fevereiro de 2013. Disponível em: <http://www.crif.org/sites/default/fichiers/images/documents/Actu_33.pdf>. Acesso em 24 de novembro de 2017.

TUSSI, Matheus Gazzola; XIMENEZ, Andrey. **Bilinguismo**: características e relação com aspectos cognitivos. Anais da X Semana de Letras. Porto Alegre: EdiPUC RS, 2010.

VAZ, Fernando. **Mohamed**: um menino afegão. São Paulo: FTD, 2002.

WALDMAN, B. Homenagem ao intelectual judeu Jacó Guinsburg. In: LEWIN, H., coord. In: **Identidade e cidadania**: como se expressa o judaísmo brasileiro [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 212-218.

WEINREICH, M. **Story of the Ydish Language**. Translation: S. Noble. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

WOLKMER, Antonio Carlos. **História do direito no Brasil**. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

YITSKHOK NIBORSKI, Inalco. Le Yiddish. Langues et cite. **Bulletin de l'observatoire des pratiques linguistiques**, n. 27, dec. 2015.